

# Ventura – O primeiro super-herói do cinema negro português

PAULO MORAIS-ALEXANDRE<sup>1</sup>

PROFESSOR COORDENADOR DA ESCOLA SUPERIOR DE TEATRO E CINEMA DO  
INSTITUTO POLITÉCNICO DE LISBOA – IPL

É os olhos, acho eu. É o que me dizem. É o também puxar muito ao negrume. É um tipo muito destruído e eu também. Muito tradicionalista, teimoso, e muito secreto. E inatingível. Mete medo, é difícil a relação com ele, foi um tipo que se fechou.

Pedro Costa

Embora de conhecimento limitado em Portugal, o manifesto “Gênese do Cinema Negro Brasileiro”, comumente conhecido como “Dogma Feijoadá”, do realizador Jeferson Rodrigues de Rezende, serviu de ponto de partida para uma definição de “Cinema Negro” que se aplica não só ao caso brasileiro, mas em termos globais. Este manifesto prescreve os sete ingredientes necessários para que uma obra se possa incluir nesta definição. Destes sete princípios, centremo-nos apenas em quatro pontos fulcrais: um primeiro ponto é o relativo à cor da pele do realizador, devendo ser os «filmes dirigidos por realizador negro»; no segundo ponto impõe-se um «protagonista negro»; no quinto ponto estabelece-se uma interdição absoluta: «personagens estereotipados negros (ou não) são

---

<sup>1</sup> Doutor em Letras, área de História, especialidade de História da Arte, Universidade de Coimbra. Professor Coordenador na Escola Superior de Teatro e Cinema. Investigador Integrado do Centro de Investigação e Estudos em Belas-Artes (CIEBA) da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa (FBAUL). Foi ainda pró-presidente para as Artes do Politécnico de Lisboa e presidente da Escola Superior de Educação de Lisboa.

---

proibidos»; por fim, no sétimo e último ponto, relativo aos heróis, mas também aos vilões, é ordenado que: «super heróis ou bandidos serão evitados.»

Aqui entra, sem dúvida, o cinema do realizador português Pedro Costa e o seu mais emblemático ator, homónimo da personagem, Ventura, cabo-verdiano de nascimento, mas português por adoção.

Conteste-se desde logo o primeiro ponto, mas fundamente-se devidamente esta contestação. Pedro Costa é mais ou menos caucasiano, porque os portugueses não são bem caucasianos, como o vem provando a mais recente evolução da ciência genealógica, onde a pesquisa dos antepassados é realizada, não através de manuais mais ou menos fantasiosos, mas, cientificamente, através da análise de DNA que desagrupa a ascendência por região, percebendo-se que a existência de seres autóctones portugueses puros é um mito sem qualquer fundamento. Paralelamente é muito significativo que Celso Prudente catalogue os portugueses, enquanto ibéricos, ao lado dos asiáticos, dos negros ou dos ameríndios, junto de todas as minorias, por oposição ao que designa por “euroheteronormatividade”, estabelecendo também que, mais do que a cor do realizador, o que importa realmente, o elemento verdadeiramente fundamental, é a dimensão pedagógica do cinema negro, sustentando-se para tal em Tommy L. Lott quando este diz que não se deve seguir a visão biologicamente essencialista do cinema negro.

Mas analise-se a personagem/ator Ventura, que desde a sua aparição na obra *Juventude em Marcha*, datado de 2006, e depois entrou em quase todos os subsequentes filmes de ficção do supramencionado realizador.

Relativamente à cor da sua pele não há qualquer dúvida; quanto a poder ser uma personagem estereotipada, basta ver os filmes em que entra, como *Cavalo Dinheiro*, *Juventude em Marcha* e, sobretudo em *Vitalina Varela*, para se provar à saciedade que este ator/personagem foge a todos os estereótipos. Por fim, relativamente à sua heroicidade, a tal que devia ser evitada, é de tal forma redentora que se considera que Pedro Costa conseguiu criar uma nova forma de personagem de negro.

Desde o primeiro filme que Ventura protagonizou, passando por *Cavalo Dinheiro*, de 2014 e sobretudo *Vitalina Varela*, de 2019, e aqui sendo omitidas, injustamente, as curtas em que participou, que se percebe que, apesar do ator

---

jamais ter frequentado qualquer escola, ou sequer cursado qualquer formação na área da interpretação, se está perante alguém que consegue dotar a personagem de Ventura, ou melhor, as personagens de Ventura, de uma personalidade extraordinária, marcante para todos os que assistem aos filmes e que isso sucedeu em todos os papéis que desempenhou.

É, exatamente, isso que passa para os filmes, em cenas absolutamente impressionantes, de um herói proletário, humano, talvez mesmo demasiado humano, nas suas fragilidades, que é capaz de expor a sua intimidade e medos, como os fantasmas que o assombram, as suas jornadas, seja num elevador como em *Cavalo Dinheiro*, ou no Museu da Fundação Calouste Gulbenkian em *Juventude em Marcha*, ou mesmo a forma como interage com as outras personagens, seja, desde logo, no seu debute no cinema com Vanda, de novo em *Juventude em Marcha*, mas sobretudo com essa extraordinária Vitalina Varela, também ela uma espantosa heroína negra, nos filmes *Cavalo Dinheiro* e na obra homónima da atriz.

Veja-se depois a heroicidade absoluta do padre sem fé, papel desempenhado por Ventura em *Vitalina Varela* que é absolutamente excepcional, construindo uma personagem absolutamente poderosa, épica, num sentido quase bíblico, que vai oscilando entre o patético e o trágico. O realizador Pedro Costa, citado por Ana da Cunha e Ismael Andrade em “Ventura, o herói dos filmes que levou o bairro das Fontainhas a Cannes”, mostra que entende isso tão bem quando refere: «Era um homem imponente, tinha uma espécie de dignidade que não é frequente, mas às vezes via-o muito maltratado, com sujidade, meio aluado. Impressionou-me isso, o facto de ter esses dois lados: imponente e quebrado»

Perante esta afirmação há um nome que vem imediatamente à memória, o de John Wayne, e torna-se, desde logo, imperioso falar e comparar com o trabalho de Ventura com as personagens, também heroicas, desempenhadas por aquele ator, quer nos filmes de John Ford, quer nos de outros realizadores, sobretudo nos de Howard Hawks. Veja-se a afinidade, em ambos, da presença poderosa, da dignidade, que jamais se perde, mesmo na mais terrível das situações, mesmo quando Ventura vagueia perdido e sem destino.

Mas, por outro lado, importa também definir a heroicidade de Ventura como contraponto à de Wayne, antepondo àquele o novo herói negro como

---

o oposto absoluto ao tradicional herói branco, imaculado na sua força, que Ventura contrapõe ao ser de uma imensa humanidade, evidenciando as suas enorme fragilidades, mas que, ainda assim, é por todos querido e respeitado, alguém que se preocupa com a sua comunidade, mas também alguém por quem a comunidade se preocupa e aqui trata-se, não da comunidade da grande metrópole branca, que ele com o seu trabalho ajudou a erigir, mas de uma comunidade maioritariamente composta imigrantes cabo-verdianos que vive num bairro muito desfavorecido e em condições particularmente difíceis onde grassa a pobreza e o desemprego.

Talvez o seu mais extraordinário e heroico desempenho seja em *Vitalina Varela*, onde encarna a personagem de um padre amargurado que perdeu toda fé, criando uma personagem absolutamente poderosa, épica, mesmo num sentido quase bíblico. Perante todas as provas apresentadas e em jeito de conclusão, considera-se que não resta qualquer dúvida que Ventura é, muito objetivamente, o primeiro super-herói do cinema negro português.

## Referências

- Dogma Feijoada lança polémica in *Folha de S. Paulo*. São Paulo : 2000, agosto, 17, s.p.. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/acontece/ac1708200002.htm>; Acedido em 2019, maio, 2.
- CÂMARA, Vasco – “O Ventura é um tipo muito destruído, e eu também” in *Público: Ípsilon*. Lisboa : 2006, maio, 27.
- CARVALHO, Noel dos Santos e DOMINGUES, Petrônio – “DOGMA FEIJOADA – A invenção do cinema negro brasileiro” in *Revista Brasileira de Ciências Sociais* [online]. São Paulo: 2018, vol. 33, n.º 96. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v33n96/0102-6909-rbcsoc-3396122018.pdf>. Acedido em 2019, maio, 2.
- CRESPO, Nuno – “Vanda e Ventura enquanto heróis: ou a ciência ficção de Pedro Costa” in *L+arte: Leilões + Arte + Antiguidades*. Lisboa : 2009, Dezembro, 1, n.º 66.
- CUNHA, Ana da & ANDRADE, Ismael – “Ventura, o herói dos filmes que levou o bairro das Fontainhas a Cannes” in *Mensagem*. Lisboa : 2024, março, 5. Disponível em:
-

<https://amensagem.pt/2024/03/05/ventura-heroi-filmes-fontainhas-cannes/>  
[Acesso: 2024, abril, 2]

- LOTT, Tommy L. – “A no-theory theory of contemporary black cinema” in *The invention of race: Black culture and politics of representation*. London : Blackwell, 1999
- MORAIS-ALEXANDRE, Paulo – “Pedro Costa e o Cinema Negro” in *Revista do Pemo: Práticas Educativas, Memórias e Oralidades*. Fortaleza : 2023, vol. 5.
- PRUDENTE, Celso Luiz – “A dimensão pedagógica da alegoria carnavalesca no cinema negro enquanto arte de afirmação ontológica da africanidade: pontos para um diálogo com Merleau-Ponty” in *Revista de Educação Pública : Educação e (Des)Colonialidades dos Saberes, Práticas e Poderes*. Cuiabá: 2014, maio-agosto, vol. 23, n.º 53/1.
- PRUDENTE, Celso Luiz – “A dimensão pedagógica do cinema negro” in VALENTE, António Costa (coord.) – *Avanca | Cinema 2018*. Avanca : Edições Cine-Clube de Avanca, 2018.
-